

O abstrato

A palavra futuro, originária do latim; significa: o que está por vir.

Como saber o que virá, ainda que façamos projeções, tal movimento se torna pessoal, abstrato ao outro e até egoísta. Se ainda sim, pudéssemos idealizar a escola no futuro; poderíamos pensar em uma infinidade de artefatos, comunicação, tecnologia; mas me pego a pensar, e o aluno? Onde esse bem precioso estará no processo de aprendizagem? Distante, sem o olhar do professor, sem a palavra de confiança na avaliação, sem a piscada de olho...

A necessidade tecnológica se fez presente em todos os níveis escolares, no período mais intenso da pandemia de covid-19; dentro da realidade das escolas privadas e muito mais modesta ou infelizmente inexistente em alguns casos, na rede pública. Em 2018, pensar na escola do futuro, jamais imaginaríamos a realidade da palavra tão próxima, mas se fez necessária, lá estávamos nós, sorrindo pela tela, chorando pela tela, dando colo virtualmente, confraternizando pela tela e vivendo o futuro que não imaginávamos. Dentro da realidade de cada instituição e de cada profissional da educação, foi feito o possível melhor, pois o melhor possível não seria naquelas condições.

Não podemos jamais tirar o mérito da tecnologia no processo de aprendizagem, pois se ele não fosse presente, insisto que não para todos, infelizmente; todos os educandos ficariam sem qualquer contato com um dos principais direitos, a educação. Sejam realistas quanto ao excesso de tecnologia não supervisionada, o quanto essa é prejudicial; mas isso cabe a instituição familiar à sua medida. Ainda que a tecnologia tenha suas vertentes sobre o uso e seu tempo, nada substitui o contato direto. Para

Rayo (2004), defende que a educação a favor da paz deve ser considerada, o desenvolvimento de habilidades sociais e interação dos indivíduos no plano da cooperação. Respeitar, conviver, compreender e apoiar são habilidades desenvolvidas a partir da presença social à diversidade.

Em uma sociedade de tanta segregação, estar presente é olhar com os olhos do outro, atuar de forma empática. De acordo com Freire (2020, p. 37) “a prática preconceituosa de raça, de classe, de gênero ofende a substantividade do ser humano e nega radicalmente a democracia.” A partir da escrita, vale a reflexão sobre a escola do futuro e as pessoas que nela estarão. Construir uma escola tecnológica recheada de pessoas vazias vai de encontro as características que compõem a prática educacional.

Segundo Cortella (2014, p. 105) “a ideia de valores é o que dá sustentação na nossa capacidade de vida coletiva, é aquilo que faz com que a vida não perca sentido...” Assim, a escola do futuro, vai além da tecnologia, ela deve ser a construção de uma sociedade igualitária sobre oportunidades e principalmente empatia entre todos. Somente com a base da educação e os valores cultivados no ambiente escolar, podem gerar frutos para a escola e sociedade do futuro, com respeito e democracia.

Referências:

CORTELLA, Mario Sergio. **Educação, escola e docência**. São Paulo: Cortez, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. Ed. 66ª. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

RAYO, José Tuvilla. **Educação em direitos humanos**. Ed. 2ª. Porto Alegre: Artmed, 2004.

Sobre a autora:

Lílian North dos Santos Martins é graduanda em Pedagogia (UERJ), pós-graduada em Psicopedagogia Institucional e Clínica (UCAM), Doutora em Ciência da Educação (UTAD), pós-graduada em Educação Ambiental (UCAM) e Graduada em geografia (SUAM). Leciona na educação básica desde 2005 e ensino superior em 2021.